

**O racismo refletido na literatura brasileira e sul-africana entre 1909 e 1953**

Elaine P. Rocha<sup>1</sup>

Resumo:

Este trabalho tem como proposta um estudo comparativo entre o racismo no Brasil e na África do Sul durante a primeira metade do século vinte, usando como fonte romances escritos e publicados na época. A idéia central é identificar formas de representação das relações raciais nos dois países e como estas se refletem nos romances de Alan Paton, Jorge Amado, Lima Barreto e Peter Abrahams. Pontos de diferenciação e de semelhança são clarificados quando se associa a literatura à historiografia, tomando as novelas imagens espelhadas do cotidiano e seus conflitos. O estudo discute ainda o uso da literatura como fonte para a história cultural.

Palavras-chave: literatura, história cultural, racismo, miscigenação.

Abstract:

This article focuses on comparing racism in South Africa and Brazil by analyzing novels written between 1909 and 1953 that discuss racism. The aim is to examine the phenomenon in these two societies and the way it was reflected in the novels of Alan Paton, Jorge Amado, Lima Barreto and Peter Abrahams. It explores the authors' environment and their relationship with their countries' racial policies. The influence of being raised in a particular class or racial group has determined their approach to social themes just as much as their political commitment. It is a comparative study which proposes the use of literary works as sources for cultural history.

Key-words: literature, cultural history, racism, miscegenation.

Leis e estatísticas têm uma capacidade limitada para explicar um assunto que envolve sentimentos, representações e percepções, como o racismo. Por essa razão, este projeto utilizou literatura, em especial dos romances escritos e publicados num determinado período pode ser útil

---

<sup>1</sup> Elaine P. Rocha, doutora em história social pela Universidade de São Paulo, mestre em história pela PUC-SP, e mestre em história cultural pela University of Pretoria (South Africa). Atualmente leciona na University of West Indies, Barbados.

para entender algo tão subjetivo. O projeto de pesquisa no qual este trabalho se baseia selecionou quatro autores, dois brancos – Alan Paton e Jorge Amado – e dois negros, Lima Barreto e Peter Abrahams, em oito romances publicados durante um período de crucial para a construção da nacionalidade no Brasil e na África do Sul.

Entre os romances de Paton, *Cry, the beloved country* (1948) tem como tema central a segregação racial na South África e as consequências social, econômica and política no período imediatamente anterior a oficialização do Apartheid como regime e em seus primeiros anos.

Em *Seara Vermelha* (1946) Jorge Amado explora a questão da discriminação, a exploração econômica e a exclusão política dos negros no nordeste brasileiro no momento em que o Brasil esta construindo o discurso da unidade nacional, com Getúlio Vargas, que oficialmente nega o racismo e abraça a teoria das três raças unificadas sem conflito.

Entre as obras de Lima Barreto, selecionou-se *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), que aborda o racismo claramente, explorando sua presença as vezes objetiva outras subjetiva no cotidiano do Rio de Janeiro. Sem vinculação partidária, Lima Barreto é uma voz solitária numa sociedade que recusa ver e aceitar que a discriminação e segregação limitam a participação de negros e mulatos em todos os segmentos, e num momento em que o Brasil não possui outros escritores denunciando o mesmo problema, com exceção de Manuel Quirino, que não é novelista.

Na África do Sul, Peter Abrahams se juntou a outros intelectuais brancos, mulatos e negros que denunciaram as condições de vida dos não-brancos na África do Sul, antes e durante o Apartheid. *Mine Boy* (1946) retrata a luta dos negros para sobreviver no ambiente urbano.

Brasil e África do Sul tem em comum vários aspectos de sua história e cultura, como a colonização, imperialismo, escravidão, ditadura, miscegenação. Entretanto, existe ainda uma vasta área inexplorada para pesquisas em história comparada. O trabalho de Gay Seidman (1985), comparando o movimento sindical e sua contribuição para a redemocratização nos dois países pode ser considerado um breve início. Outra importante contribuição veio do historiador brasileiro Fernando Rosa Ribeiro (1993: 95-120, 1996, 2004: 1-14).que analisou e comparou o

racismo e no Brasil and África do Sul. Seu trabalho abriu as portas para uma nova perspectiva sobre o racismo no Brasil.

Em parte, a ausência de trabalhos comparativos está associada aos limites da língua e ao modo como ambas academias se encontram voltadas para os Estados Unidos e Europa, relegando outros países do Terceiro Mundo a um segundo plano. Conforme indicado por Chris Lorenz, ao lado de uma metodologia para história comparativa, a academia esta sujeita às “políticas de comparação”, que escondem as escolhas de objetos, parâmetros e abordagens (1991:25). Portanto, não é de se estranhar que o interesse por comparações entre África do Sul e Brasil tenha crescido juntamente com o movimento contra o racismo no Brasil e a re-democratização do país Africano. Estudos comparativos entre os racismos ideológico, regulamentado e praticados nos dois países, levando em consideração questões subjetivas existentes nas relações do cotidiano, contribuem para revelar semelhanças e desconstruir mitos como o da segregação absoluta na África do Sul durante o Apartheid e da democracia racial no Brasil.

O período escolhido para essa análise – 1900-1953 – marca o avanço do capitalismo, com a exploração intensiva das reservas minerais, a construção de ferrovias e rodovias, urbanização e industrialização, e o conseqüente re-arranjo social liderado pelo estado para acomodar as necessidades de mão-de-obra, a disponibilidade de terras, e o mercado consumidor sem interferir no *status quo* dos grupos dominantes. No Brasil, este é o momento do fim da ditadura populista e de uma breve democratização, nele o país assegura a imagem externa de um país mestiço e de tolerância racial. Enquanto isso, o partido nacionalista se fortalecia preparando-se para assumir o poder na África do Sul em 1948 e oficializa uma política de segregação que visa garantir mão-de-obra barata para mineradoras e outras empresas, e a supremacia dos brancos num país africano. Em ambos os casos a aplicação prática das intenções do governo e da sociedade apresentavam contradições e limites nas relações cotidianas entre diferentes grupos raciais (POSEL, 2001: 87-113; SKIDMORE, 1993).

O historiador Michael Green afirma que a história contemporânea da África do Sul deve ser dividida em antes e depois do Apartheid. Da mesma forma, o advento do fim do regime do Apartheid deve ser caracterizado como uma ruptura, o final da história no formato como vinha sendo concebida por longos anos na África do Sul (GREEN, 1997). Para ele, autor, toda a história deste período, mesmo a história considerada “anti-Apartheid”, se define em relação a este

fenômeno e se formata dentro desse conflito, que afeta inclusive a gramática da retórica utilizada. No caso brasileiro, é de se perguntar se a nossa história também não se constitui em torno da negação do racismo e da hierarquia racial, se não houve uma “política de branqueamento” da produção historiográfica.

A relação entre história e literatura, que se inicia na história da literatura, tornou-se mais complexa ao ceder espaço a abordagens que enfocam a história “por detrás” da obra literária ao analisar a forma, o conteúdo, e as idéias que geraram a obra e que foram influenciadas pela mesma. Raymond Williams (1977, 1992) defende que a função intelectual não pode nunca ser isolada do contexto político-social, e propõe uma dinâmica criada pela fricção entre elementos *dominante, residual e emergente* para analisar o processo cultural. A idéia de elementos residuais que influenciam a cultura estão também em Walter Benjamin (1993), que os chamou de *reminiscências*. Para ele, o ambiente social influencia o seu trabalho literário mesmo quando um autor burguês escolhe uma temática proletária.

Longe de ser o espelho da sociedade num particular momento, a literatura é um complexo produto da imaginação e experiência individuais, somada a ideologia escolhida pelo autor. Por esse motivo, o foco desse estudo é a análise de como as questões raciais aparecem nos romances selecionados, como o tratamento dado a essas questões refletem as ideologias adotadas pelos autores e as pressões sócio-ideológicas que estes sofreram durante a sua trajetória. Em outras palavras, considera-se o *locus* – geográfico, político, social and econômico – no qual os autores estavam inseridos, *de onde* eles estavam escrevendo, e *para quem* eles estavam escrevendo (DARNTON:1986).

O objetivo é focalizar a história como ela aparece nas práticas cotidianas retratadas nos romances, e as intenções de cada autor em interferir e modificar o seu ambiente. Ao se comparar o contexto no qual os autores operaram e a temática e cenário de seus romances – incluindo personagens, trama, e a cultura – obtém-se uma perspectiva sobre como os fatos, as políticas e as crenças influenciaram uma sociedade naquele período.

Os problemas sociais enfrentados pelos personagens dos romances analisados e seus conflitos servem para iluminar a condição humana sob as políticas governamentais e as imposições sócio-culturais. Por essa razão, propõe-se que um estudo da literatura numa perspectiva que examine não somente a história, mas também como a história é representada nos

romances de um período específico. O uso combinado da biografia permite ainda identificar o ser político no romancista e o contexto de suas próprias vidas na trama dos romances. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas às experiências dos ouvintes.” (BENJAMIN, 1993: 201). As grandes questões elaboradas são: “Como as questões raciais se manifestam nos romances de Paton, Amado, Lima Barreto e Abrahams?” e “Como esses romances conectam a história da África do Sul, do Brasil e do mundo?”

Entre os autores selecionados, Lima Barreto (1881-1922) é o mais antigo. Filho mulato, chegou a ingressar na faculdade de Direito do Rio de Janeiro, mas as dificuldades financeiras de sua família o obrigaram a abandonar os estudos e buscar trabalho. As situações de discriminação e dificuldades econômicas compõem o personagem Isaías Caminha na obra *Recordações do escrivo Isaías Caminha*, publicada em Portugal em 1909. No romance, situações cotidianas de ofensas veladas e discriminações subjetivas levam Isaías ao desencanto com a nova república. Ao final, ele aceita ser corrompido e cancela a publicação de suas memórias, que revelariam os bastidores da vida no jornal em que trabalhava, em troca de uma posição melhor. A sua obstinada crítica à hipocrisia da sociedade brasileira que negava a discriminação racial ao mesmo tempo em que pregava o branqueamento, se aliava às suas críticas a atores políticos e a denúncia de injustiças sociais. Enquanto Lima Barreto escreve, o Rio de Janeiro está passando por transformações em seu traçado urbano, que causam o deslocamento de famílias mais pobres do centro da cidade para regiões mais distantes e com menos recursos.

A exclusão racial aparece nos romances da primeira fase de Jorge Amado, entre os anos 30 e 50. O escritor branco, neto de fazendeiro da região cacauceira da Bahia, denunciava a exploração dos agricultores pobres no nordeste, sua região de origem. O romance *Seara Vermelha* retrata a vida dos pobres no sertão nordestino. Jerônimo é analfabeto, descendente de caboclos e negros, cuja missão é guiar sua família na jornada pelo sertão nordestino castigado pela seca até São Paulo, a terra prometida. A pobreza desagrega e destrói a família. Antes mesmo da viagem três filhos de Jerônimo desaparecem: um que vira cangaceiro, outro que vira policial militar e outro soldado. A jornada da família revela elementos como a fome, a miséria, a violência, o fanatismo religioso, e a concentração de terras. Para percorrermos a última etapa da viagem, Marta, a filha de dezoito anos entrega sua virgindade ao médico em troca do “passe” –

um certificado de saúde – para o pai tuberculoso. Desonrada, torna-se prostituta, enquanto o resto da família – reduzida a quatro pessoas – segue viagem.

A solução indicada por Jorge Amado para os desafios enfrentados pela família de Jerônimo é o comunismo. O final do romance revela que Juvêncio, o filho que virara soldado tornou-se um líder comunista, refletindo a tendência entre jovens oficiais nos anos 20 e 30. A visita da mãe e do sobrinho de Juvêncio à prisão da Ilha Grande, é explorado por Amado para transmitir o ideal comunista, capaz de anular as diferenças de classe e, em consequência as de raça. Também retrata um importante momento da história do Brasil, quando a ditadura Vargas colocou na prisão os líderes do Partido Comunista Brasileiro. No final do romance o garoto crescido se junta aos comunistas e volta ao nordeste a serviço do partido para organizar os trabalhadores rurais.

Comunismo e organização do movimento trabalhista são também a mensagem de *Mine Boy*, escrito por Peter Abrahams e publicado em 1946, no mesmo ano em que *Seara Vermelha*. Neste mesmo ano a África do Sul enfrentava uma das maiores greves nas companhias de mineração, com mais de 75 mil trabalhadores negros envolvidos, e que foi violentamente suprimida pelo governo Smuts.

*Mine Boy* apresenta ainda outros desafios do cotidiano das *townships*, as favelas ao redor de Johannesburg, como o alcoolismo, a repressão policial, a demanda por “passes”, para negros e mulatos andarem pelas ruas da cidade, a venda ilegal de bebidas e a pobreza. Xuma é o jovem vindo de uma comunidade tribal do interior em busca de trabalho nas minas de Johannesburg para ajudar sua família que vive na reserva. Uma lei assinada em 1913 colocava mais de 80% das terras da África do Sul à disposição de agricultores brancos, e reunia a população negra da zona rural em reservas (TERREBLANCHE, 2002). Isoladas e sem terras para plantar, muitas famílias enviaram seus homens – maridos e filhos – para buscarem trabalho na cidade, quebrando a estrutura cultural e familiar e levando ao que muitos denunciaram como desintegração do sistema tribal na África do Sul.

A experiência de Abrahams, que viveu numa *township*, o leva a retratar os personagens negros de uma forma muito mais ativa do que se verá nos escritos de Alan Paton, por exemplo. Na *township* Xuma encontra amizade e amor, mas também segregação, violência, exploração e corrupção. A luta pela sobrevivência e o desafio às injustiças impostas pelo regime de segregação

estão nas figuras de Léa, a matriarca negra que fabrica e vende a bebida ilegal e de Paddy, o supervisor comunista que quer ser amigo de Xuma e ensina a ele que todos são iguais e têm os mesmos direitos. Paddy é um Irlandês que supervisiona um grupo de trabalhadores negros nas minas, incluindo Xuma, mas não acredita na segregação racial. O capítulo final é o início da greve em protesto contra as perigosas condições de trabalho nas minas, que custaram a vida de Johannes. Xuma e Paddy são os líderes da greve lado a lado. A visão otimista de Abrahams propõe um novo tempo para a África do Sul, no qual a união de brancos e negros levaria a um futuro melhor.

A segregação racial e a exploração dos negros pelos brancos também é o tema central do romance de Alan Paton *Cry, the Beloved Country*, publicado também em 1946. Diferentemente de Abrahams, essa novela é basicamente pessimista em relação ao problema de segregação, que também se mostra na forma como a história é narrada. As consequências das políticas de segregação como a criminalidade, deslocamento e desagregação familiar, pobreza, alcoolismo e prostituição estão presentes na história, mas de forma diferente que em *Mine Boy*. A narrativa de Paton se mostra como a descrição de uma paisagem vista de uma janela distante, os personagens negros não participam ativamente de seu enredo, mas esperam ou agem passivamente em relação à ação dos brancos que, por sua vez parecem estrangeiros em seu próprio país.

O enredo começa quando Stephen Kumalo, um padre da Igreja Anglicana, membro de uma comunidade Zulu vive em um território empobrecido, com terras castigadas pela seca e pela erosão, e a sociedade perecendo pelo êxodo dos mais jovens, que partem para Johannesburg em busca de trabalho. Ao lado da sua vila vive Arthur Jarvis, um fazendeiro de origem inglesa, com o qual Kumalo nunca travou amizade, apesar de serem vizinhos há muitos anos. Kumalo deixa a reserva e parte para socorrer sua irmã numa longa e amarga jornada, na qual ele irá descobrir que seu cunhado desapareceu, a irmã tornou-se uma prostituta alcoólatra, seu irmão que partira muito antes, é agora um líder corrupto entre os negros da township e, o que é pior, seu jovem e único filho, Absolom, acaba de matar Arthur, o filho de seu vizinho Jarvis, numa tentativa de roubo e será condenado a morrer enforcado. Absolom e Arthur, apesar de terem sido vizinhos também não se conheciam.

Enquanto cada pai tenta entender as circunstâncias que envolveram seus filhos nessa tragédia, eles travam conhecimento um do outro. Mais do que isso, Kumalo descobre que em

Johannesburg as condições de vida de sua gente é ainda pior do que na comunidade e Jarvis percebe que seu pai era um intelectual liberal, que se opunha à segregação, acreditava na igualdade racial e defendia que a dominação e exploração dos negros eram a maior causa para a criminalidade e o vício.

Ao final, os dois homens tem apenas seus netos, Kumalo leva para a comunidade a jovem companheira de seu filho que está para ser mãe e Jarvis se aproxima de seu neto de 10 anos, que como o pai mostra preocupação para com o sofrimento do povo negro que vive nas proximidades da fazenda. A única esperança para seu país está nas mãos da nova geração, mas Paton vê como saída o paternalismo dos brancos em relação aos negros.

De acordo com seus biógrafos, neste romance Paton obtém sucesso em retratar uma face da África do Sul nos anos imediatamente posteriores à II Guerra Mundial, incorporando aspectos da vida social e política dos sul-africanos à sua narrativa (CALLAN, 1968). Ele apresenta, por exemplo uma cena em que o religioso e seu amigo precisam se deslocar pela cidade mas não há meios por causa do boicote em protesto contra o aumento das tarifas dos transportes reservados para negros. As propostas e análises apresentadas no romance refletem a filiação de Paton ao Partido Liberal, o qual ele dirigiu por anos e a sua experiência como diretor de um reformatório para meninos negros, principalmente quando defendem a volta à comunidade para defesa da família e a melhoria na qualidade da educação dada aos negros.

*Cry, the beloved country* compara-se a *Seara Vermelha* no enredo, que descreve uma jornada, na qual os personagens principais aprendem sobre o sistema que os explora. A diferença é que o grupo vitimizado em *Seara Vermelha* é ativo nas suas escolhas, para resistência e sobrevivência, enquanto o grupo retratado por Paton apenas espera que os opressores mudem de atitude.

Os romances aqui analisados têm em comum a forma aberta como exploraram essas questões opondo-se ao movimento imposto pelo governo de seus países. Os escritores recriaram contradições e dilemas vividos em seus países e propuseram soluções para melhorar as relações entre negros e brancos. Porém esses romances não eram direcionados ao público que teria um interesse maior na mudança social, cultural, política e econômica. No Brasil, tanto quanto na África do Sul, os altos níveis de analfabetismo entre negros entre 1900 e 1950, e a pobreza a que estavam relegados proibiam-lhes o acesso a livros, a não ser em casos excepcionais.



Análise dos romances mostrou-se válida para entender o racismo nos dois países, naquele período histórico. A questão racial é intimamente relacionada a sentimentos, está na raiz da história cultural e nas vivências do cotidiano, mas apresenta-se de forma muito subjetiva nos documentos primários, sejam eles escritos, imagéticos ou orais. Por isso, a representação de cenas do dia-a-dia na trama dos romances, lança luz sobre vários aspectos dessa questão e dá visibilidade a pessoas comuns através dos personagens construídos pelos escritores.

### **Bibliografia:**

- ABRAHAMS, Peter. *Mine boy*. Johannesburg, Henneman, 1989.
- AMADO, Jorge. *Seara Vermelha*, Rio de Janeiro, Record, 1978
- BAKER, J. “Prohibition and illicit liquor, on the Witwatersrand, 1902-1932”, in J. Crush and C. Ambler, *Liquor and labor in southern Africa*, Athens, Ohio University Press, 1992, pp.139-61.
- BENJAMIN, W., *Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- CALLAN, E., *Alan Paton*. New York, Twayne Pub., 1968.
- COETZEE, J.M., *White writing. On the culture of letters in South Africa*. Johannesburg, Yale University Press, 1988.
- DARNTON, R., *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- FEINSTEIN, C. H. *An economic history of South Africa. Conquest, discrimination and development*. New York, Cambridge University Press, 2005.
- GREEN, M., *Novel histories: present, past, and future in South African fiction*. Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1997.
- LIMA BARRETO, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo, Ática, 1995.
- PATON, Alan. *Cry, the beloved country*. London, Vintage, 2002.
- POSEL, D., “Race as common sense: racial classification in twentieth-century South Africa”, in *African Studies* 44(2), pp. 87-113.
- ROSA RIBEIRO, F., “Apartheid e democracia racial: raça e nação no Brasil e África do Sul”, in *Estudos Asiáticos* 24, 1993, pp. 95-120.
- \_\_\_\_\_, “Classifying race and whitening the nation”, in *Safundi, the Journal of South African and American Studies* 5(3), 2004, pp. 1-14.
- \_\_\_\_\_, “Ideologia nacional, antropologia e a questão racial”, in *Estudos Afro-Asiáticos* 31, 1997, pp. 79-89.
- \_\_\_\_\_, *Apartheid and “democracia racial: South Africa and Brazil compared*. Phil. dissertation, Universiteit of Utrecht, 1996.
- SEIDMAN, G., *Manufacturing militance: workers’ movements in Brazil and South Africa, 1970-1985*. Berkley/London, 1985.

SKIDMORE, T., *Black into white: race and nationality in Brazilian thought*. New York, Duke University Press, 1974.

TERREBLANCHE, S., *A history of inequality in South Africa, 1652-2002*. Sandton, University of Natal Press, 2002.

THOMPSON, L., *A history of South Africa*. New Haven/London, Yale, 2001.

WILLIAMS, R., *Cultura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, R., *Marxism and literature*. Oxford, 1977.